



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**PAULO SILVA II**

**(depoimento)**

**2012**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:**

**Entrevistado/a:** Paulo da Silva

**Nascimento:** 14/01/1956

**Local da entrevista:** Parque Marinha do Brasil, Porto Alegre

**Entrevistadora:** José Patrício Cunha Pinheiro

**Data da entrevista:** 20 de outubro de 2012

**Transcrição:** Rangele Guimarães

**Copidesque e Pesquisa:** José Patrício Cunha Pinheiro e Silvana Vilodre Goellner

**Mídia:** Gravador digital

**Total de gravação:** 29 minutos e 13 segundos

**Páginas Digitadas:** 9

**Observações:**

Entrevista realizada para a produção da pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso de José Patrício Cunha Pinheiro intitulado *A História da Maratona de Porto Alegre e sua Contribuição para a Popularização das Corridas de Rua na Cidade* desenvolvido na Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Início da carreira esportiva do entrevistado; Participação em maratonas; Maratona de Porto Alegre; Maratona de 1981, realizada pela Brigada Militar em Porto Alegre; Criação do Clube dos Corredores de Porto Alegre; Organização da Maratona de Porto Alegre; Premiação; Participação do público; Comparação com outras maratonas;

Porto Alegre, 20 de outubro de 2012. Entrevista com Paulo Silva, a cargo do pesquisador José Patrício Cunha Pinheiro para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.P. – Bom dia Paulo! Por gentileza diga o seu nome completo, sua profissão e a data de nascimento.

P.S. – Bom meu nome é Paulo da Silva, no esporte me apelidaram de Paulo Silva, deram uma simplificada. Minha data de nascimento é 14 de Janeiro de 1956 e eu sou professor de Educação Física, formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

J.P. – Como foi o início da tua carreira esportiva, quando começou o teu interesse pelas corridas, quantas Maratonas tu já fizeste e qual foi a mais importante?

P.S. – Na verdade eu iniciei na corrida, na competição por acaso, eu me emociono até de contar porque é verdadeira, de vez em quando eu encontro um coronel da época que eu servi o Exército com dezenove anos na Cidade de Cruz Alta. Foi naquele famoso teste dos doze minutos, o *Teste de Cooper*, na minha companhia que tinha cento e quatro soldados. Ele fez o teste e eram sempre em grupos de dez: cinco corriam e cinco contavam as voltas, e na hora que contaram as minhas voltas, tinha um sargento chamado Marcos Espinoza, um professor de Educação Física que hoje mora em São Leopoldo. Na época ele chegou para os que faziam cinco voltas, cinco voltas e pouco, alguns faziam seis ou sete voltas e eu fiz nove voltas e quarenta metros. São três mil seiscentos e quarenta metros, da primeira vez que eu corri, eu nem tinha idéia do que era aquilo, mas era um teste do time de futebol do quartel, da seleção do quartel que eu fazia parte. Eu jogava de volante, camisa 5. Neste teste ele chegou para o soldado e disse: “tu não sabe nem contar, como o cara vai dar 9 voltas, tu acha que eu nasci ontem?” Eu disse: “Sargento, eu estou dizendo para o senhor que eu fiz nove voltas, eu não sei nem porque o senhor esta brigando com ele, eu fiz nove voltas”. Ele disse: “Isso não existe, como vai fazer nove voltas, tu sabe o que tu está falando?” Sim, eu sei o que estou falando, eu fiz nove voltas, se o senhor duvidar eu venho aqui amanhã e faço mais”, eu disse para ele. Daí ele deu uma segurada e disse o seguinte: “Sábado de manhã tu vai vir aqui e eu vou contar as voltas!”. Ai ele veio e eu fiz nove voltas e noventa metros, eu aumentei mais cinqüenta metros porque estava motivado,

bronqueado com o cara. Ai ele pegou e disse: “A partir de hoje tu não faz mais parte do time”. Para mim aquilo foi um decepção no momento e foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida, hoje eu sei que foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Ele disse: “A partir de hoje tu não faz mais parte da seleção de futebol, eu vou te tirar e colocar na seleção do Exército de Atletismo”. Por este acaso que eu comecei a correr.

J.P. – Quantas Maratonas tu já participou até o momento?

P.S. – Maratona, eu sei que a entrevista é para pessoas do meio, mas é sempre bom falar: na Maratona são 42.195 metros. Eu corri vinte e três, completei dezenove mas tem um detalhe muito importante, um detalhe bem interessante de falar: meu pior tempo na Maratona foi duas horas vinte e cinco minutos e cinquenta e quatro segundos. E o meu melhor tempo foi duas horas, vinte minutos e nove segundos, que eu fiz em Los Angeles e tem um detalhe importante que é o termo, porque eu falei Maratona, porque teve uma vez uma Maratona de cento e cinquenta anos da Brigada Militar que ela tinha 45 km e eu fiz duas horas e vinte e seis minutos e vinte e seis segundos mas não eram quarenta e dois quilômetros, eram quarenta e cinco quilômetros.

J.P. – Foi essa a Maratona de 1981?

P.S. – Não. A de 1981 foi quando eu fiz duas horas, vinte e cinco minutos, cinquenta e quatro segundos, considerado o recorde gaúcho na época. Depois quando eu fiz, em 1987, duas horas e vinte minutos e nove segundos, também foi o recorde gaúcho. O recorde na época era do Fajardo<sup>1</sup>, com duas horas vinte minutos e trinta e nove segundos, que eu bati em Los Angeles.

J.P. – Essa corrida de 1981, tu lembra porque motivo ela aconteceu?

P.S. – Era aniversário da Brigada Militar, inclusive eu brinco quando encontro alguns militares, que estou invicto, eu nunca perdi, só tiveram duas e eu ganhei as duas. Eu ganhei a de 1981 e a de 1987.

---

<sup>1</sup> Maratonista gaúcho de grande destaque nos 1980.

J.P. – Como se deu a criação do Clube dos Corredores de Porto Alegre (CORPA) e qual tua relação com o Clube?

P.S. – Na verdade a minha relação com o CORPA ocorre desde o seu início. Ele foi fundado no dia 20 de setembro uma data marcante para nós. 20 de setembro 1981 no Clube Caixeiros Viajantes por um grupo de apaixonados pela corrida como os doutores Ênio Paulo Aguzzoli e Antônio Celso Ayub, entre outros. E eu nesta época era atleta, mas eu sempre fui muito crítico e criticava muitas as corridas, mas eu sou daquele crítico que vai ali e te diz que não é legal fazer desse modo, mas estou disposto a te ajudar, eu sempre fui assim. Nesta época, eu tinha um aprendizado das corridas das quais eu tinha participado, daí então eu faço parte da ata de fundação do CORPA, depois eu continuei como atleta até 1994, quando eu entrei em uma eleição do Clube, e hoje sou presidente do CORPA desde 1994.

J.P. – Como se deu a organização desta primeira Maratona de Porto Alegre? Que foi a partir de 1983?

P.S. – Em 1983, foi vencida pelo nosso amigo Adão Juarez Camões, ganhou a primeira Maratona, eu não lembro exatamente o tempo, foi duas horas e trinta e cinco minutos e alguma coisa que ele fez e completaram a Maratona cento e trinta e seis pessoas. Depois eu ganhei em 1984 com duas horas e vinte e dois minutos e dezesseis segundos. Essa minha ligação com a Maratona é isso, depois eu voltei a ajudar na diretoria a partir de 1990, e em 1994 eu entrei como presidente me envolvendo diretamente com a Maratona desde então.

J.P. – As categorias especiais para cadeirantes, deficientes visuais, a partir de quando eles foram inseridos na nossa Maratona?

P.S. – Na verdade, a categoria cadeirante, não sei precisar, desde 1994, eu acredito que já tinha, talvez 1994 ou 1995, tivesse a categoria cadeirante. Depois com a evolução foram criando essas lideranças dos portadores de necessidades especiais que na época tinha outra terminologia. A coisa foi se atualizando e agora assim, já de uns cinco anos para cá ou seis

anos para cá, a gente tem, digamos assim, ela é bem mais abrangente, não é só o cadeirante, tem os portadores de necessidades especiais de outras categorias, o amputado, o deficiente visual, então, tem outros portadores de necessidades especiais que participam. Então ela ampliou uma coisa que digamos assim, foi ao encontro da sociedade. Então ela tem esta divisão há bastante tempo.

J.P. – Então a nossa Maratona tem um caráter inclusivo de todas as pessoas?

P.S. – Com certeza, como eu te falei antes eram raras as corridas que no Brasil tinham as categorias especiais, e a Maratona de Porto Alegre tinha a categoria de cadeirante, que é uma categoria especial. E depois, assim como falei, as coisas foram se modificando e hoje, inclusive, tem uma premiação diferenciada nas faixas etárias para cada um destes grupos de portadores de necessidades especiais.

J.P. – Fala um pouco sobre a organização quando tu eras atleta e agora enquanto presidente.

P.S. – Como eu disse anteriormente, sempre fui muito crítico, então, um dos motivos, se não o principal motivo que me levou a participar da organização de corridas foi justamente porque eu via em qualquer outro lugar, como bom gaúcho bairrista, eu não aceitava aquilo muito bem quando eu corria, de ver as corridas daqui engatinhando, organizadas de forma muito amadora. Quando eu vi, que eu sempre fui muito exigente comigo, em tudo o que eu falo eu sou exigente, mas como atleta eu era muito exigente. Quando eu vi, por uma série de fatores que eu não tinha mais condições de estar no pódio, eu disse: está na hora de eu me retirar e ir para o outro lado, que é o lado da organização. E ir tentando passar, tentar colocar aos poucos o meu aprendizado de atleta na organização; erreí muitas vezes, vou continuar errando. Mas sempre os erros vão diminuindo, ninguém faz nada sem errar, o cara que fala isso não sabe o que está falando. Então eu erreí muitas vezes, mas eu posso te falar que as corridas, digamos quando eu comecei a organizar Maratona em 1994 para hoje, a nossa Maratona é uma das melhores Maratonas que tem, e as outras nesta sequência, outras corridas também, os outros organizadores de corrida, as outras corridas cresceram, então, o corredor cada vez mais exigente. Este nível de organização tem de ir mais para o detalhe, então a Maratona de Porto Alegre não é à toa. Tem uma revista

especializada, a Contra-Relógio, que é uma revista de um cara extremamente crítico, o Tomas Lorenzo<sup>2</sup> e inúmeras vezes ele tem muito mais elogios do que críticas. “Maratona perfeita”, ele falou varias vezes. Isto aumenta a responsabilidade de fazer melhor a cada ano. E é assim que eu penso, quando termina uma prova que eu trabalho eu já estou anotando os detalhes para que na próxima a gente possa melhorar um pouquinho.

J.P. – Quais os critérios utilizados para que uma Maratona seja de caráter internacional?

P.S. – Hoje é uma palavra conhecida do grande público que é o caderno de encargos. Há muitos anos que a Confederação Brasileira de Atletismo, a CBAAt, tem um caderno de encargos ativo. Ganhar esta chancela, essa permissão para fazer uma prova do nível da Maratona tem uma série de quesitos que devem ser cumpridos e a gente cumpre isso. É uma responsabilidade que eu assumi, desde 1994, só para tu ter uma idéia, a Maratona de Porto Alegre desde 1984, em todas as suas edições teve exame *antidoping*, isto é um pequeno detalhe entre tantos outros. Tem uma exigência que mudou ao longo do tempo: antes os postos de água eram de cinco em cinco quilômetros, era exigência da época na Maratona, hoje a exigência da CBAAt é de três em três quilômetros, da Federação Internacional do Atletismo também é de a cada três quilômetros, nós além destes colocamos pontos de hidratação com drinques especiais. Então nos preocupamos muito com estes detalhes. Isso tudo faz parte deste caderno de encargos para a Maratona ser oficializada ou não. Além disso, o evento é acompanhado por um delegado-técnico, que anota minuciosamente qualquer detalhe. Ele pode dizer que o não cumprido algum destes detalhes impede a oficialização da prova.

J.P. – Como você vê a participação do público de Porto Alegre da Maratona?

P.S. – Na verdade a Maratona sempre foi, até este momento, o maior evento de corrida em número de participantes em Porto Alegre, ela continua sendo o maior evento em número de participantes, este ano foram seis mil e quinhentas pessoas. A primeira Maratona teve cento e trinta e seis corredores, passaram-se trinta anos... No ano que vem estaremos realizando a trigésima primeira Maratona, então o que acontece, a Maratona sempre esteve à frente no número de participantes das corridas, então, eu acredito que ela seja muito bem

---

<sup>2</sup> Diretor da Redijo Produções Ltda., fundador da Revista Contra-Relógio.

aceita pelo público daqui e também pelo público de fora que cada ano... Um detalhe importante: a Maratona é uma festa que tem uma rústica de distância variada, a cada ano a gente se adequa a horários e distâncias, tem o revezamento que a gente criou há sete ou oito anos, isto aumentou o número de participantes, mas o que eu estou querendo dizer, nos quarenta e dois quilômetros, que é a Maratona, pouca gente sabe disto, mais de sessenta por cento dos participantes são de fora do Estado, quase setenta por cento. Este ano foram sessenta e sete por cento de participantes de fora do Rio Grande do Sul, então, respondendo a sua pergunta, ela deve ser bem vista por esta receptividade do pessoal de fora.

J.P. – Da Maratona para as outras corridas, à que se deve a popularização de todas estas corridas de Rua de Porto Alegre?

P.S. – Eu acho assim: um dos detalhes importantes para aumentar, o número de participantes, na minha opinião acho que é, para nos professores de educação física é bom, acho que é o conhecimento, o poder. Vou tentar ser mais objetivo: o nível de conhecimento das pessoas melhorou, elas têm mais acesso à informação nestas redes sociais, na *internet*. Então, eu acho que com isso as pessoas começaram a se conscientizar do benefício que a corrida trás... A gente que é corredor fala: se tu começar por seis meses regularmente, tu não para mais porque tu sente uma necessidade e tu sente o quanto ela te faz bem, então, esta ampliação do conhecimento das pessoas foi o fator preponderante. E depois na sequência, os professores de Educação Física começaram a ver um filão e deram mais atenção para isto e ai surgiram os grupos de corrida, as assessorias esportivas, isto foi massificando, isso foi assim, dizendo nesta sequência, foi na minha avaliação que fez a corrida crescer. E o nível de organização das corridas que nos falávamos antes também, isso por que aumentou o nível de exigência. Hoje as corridas que não tem um bom nível de organização saem um ou duas vezes e acabam porque estas pessoas com poder de conhecimento e sabedoria eles sabem exigir e isto é bom. Todo mundo cresce: cresce os grupos de corrida, aumenta o número de participantes e conseqüentemente tem de melhorar a estrutura para os corredores.

J.P. – Em sua opinião a Maratona de Porto Alegre poderá se tornar um evento semelhante aos das grandes cidades como São Paulo, Londres, Berlim, entre outras?

P.S. – Eu vou deixar a modéstia de lado: eu acho que a Maratona de Porto Alegre em termos de organização, eu tenho este *feedback* de corredores que vão daqui correr no exterior, nestes lugares e comentam isso: “eu corri a de Los Angeles, eu corri a de Nova York, eu corri a de Seul na Coréia”, então, eu tenho um pouco de conhecimento da corridas de fora e acompanho bastante e, em termo de organização, a de Porto Alegre pode dever em um ou outro quesito, algum outro detalhe para as outras corridas internacionais. No entanto, pela nossa localização geográfica eu acredito que o número de participantes ele mesmo que tenha aumentado para seis mil e quinhentos; ele não vai conseguir obviamente atingir pelo nosso número de população, já que a gente esta aqui num cantinho do Brasil, mas assim mesmo, seis mil e quinhentos é um bom número na prova toda e nos quarenta e dois a cada ano aumenta. Então a Maratona de Porto Alegre, embora não tenha uma mídia nacional na Rede Globo, ela coloca em torno de dois mil e duzentos participantes nos quarenta e dois, enquanto que a da Globo, enquanto a mídia nacional como a Maratona de São Paulo... Porto Alegre tem um milhão e setecentos mil habitantes aproximadamente, São Paulo tem dezoito milhões, vinte milhões. Mesmo assim a Maratona de São Paulo não tem quatro mil participantes, quer dizer, não há uma diferença tão grande em número de participantes nos quarenta e dois. Eu acho que isso é um sinal que a nossa Maratona é boa, que a Maratona de Porto Alegre é escolhida por estes motivos.

J.P – Tu acha que a mudança dos percursos favoreceu esta corrida?

P.S – Se tu perguntar para mim, assim pelo marco histórico, eu queria que a Maratona fosse sempre lá no Parcão<sup>3</sup>, a largada e a chegada. Mas ai entre a história e a realidade, ela tem um diferença bem interessante no meu pensamento. Raciocina comigo: o mundo está em constante evolução; hoje lá no Parcão não comportaria os seis mil e quinhentos que tem na Maratona de Porto Alegre. Quando eram duas, três mil pessoas já estava apertado, mas falando em evolução porque que a Maratona teve de sair do Parcão, primeiro por este aspecto de quantidade de participantes e, segundo, é que a cidade mudou, ela evoluiu. Só para fazer um paralelo: na época da Maratona que surgiu lá no Parcão, a Avenida Beira Rio não existia, era tudo mato naquela época, então, as coisas evoluíram. Esta mudança para outros locais tem muito a ver com as obras que acontecem na cidade ao longo do

tempo, que aconteceram, acontecem e acontecerão, e tem de se ter a consciência. Acredite ou não, que a entrada da EPTC<sup>4</sup> na Maratona ela foi estudada de maneira mais específica, o que acontece, a gente não pode, ou não deve, não temos o direito de tirar o ir e vir das pessoas que é um direito de todos. As vezes eu recebo críticas por isso, mas a gente tem de ter esta sensibilidade, ninguém é poderoso, vamos fechar e pronto. A gente procura estudar, adequar e fazer um percurso que quem gosta ou precisa andar de carro que ande, não podemos tirar este direito das pessoas e também tem uma coisa: a Maratona, antes de nós fazermos estas mudanças, nós recebemos muito mais críticas do que hoje da população em geral. Hoje se tem uma mídia, maior divulgação, as pessoas tem conhecimento da Maratona, então eles se organizam. No mundo inteiro tem Maratona e tem determinados pontos que tem de serem compartilhados, tem que ter determinado jogo de cintura porque tem um Pronto Socorro, tem um Hospital do Coração, tem uma ambulância que tem de circular, tem a mãe que vai ganhar o filho, tudo isso passa pela organização da Maratona que às vezes as pessoas criticam, uma coisa simplória. O envolvimento que se tem para organizar um evento destes, têm muitas pessoas pensando para poder fazer algo que seja além de tudo, simpática à população.

J.P. – O que esse evento representa para a cidade, comparado com outros eventos como, por exemplo, a Feira do livro, a Bienal do Mercosul, etc?

P.S. – Eu acho que a Maratona, em termos de representatividade para a cidade de Porto Alegre, está inserida nas principais capitais do mundo que tem o dia de sua Maratona, é um primeiro aspecto; o segundo, nós falamos que a Maratona em nível de organização está entre as melhores, e tem um detalhe: eu tenho uma frustração a cada ano que eu organizo a Maratona, apenas uma, a de não poder angariar recursos para fazer a Maratona de Porto Alegre ter uma premiação igual as Maratonas internacionais. Isso me frustra porque se a Maratona de Porto Alegre tivesse uma premiação igual a Maratona de Nova York ou cinquenta por cento deste valor, o resultado técnico da Maratona de Porto Alegre seria muito melhor que a de Nova York, seria muito melhor que a de São Paulo, seria muito melhor que muitas Maratonas do mundo. As pessoas iam conhecer Porto Alegre pelos tempos que grandes atletas iam vir fazer em Porto Alegre, nossos percursos aqui são bons,

---

<sup>3</sup> Parque Moinhos de Vento

são planos, cada cidade tem sua topografia então a gente procura estudar o percurso, mesmo que mude. Pode ter certeza, a gente leva em conta fazer o mais plano possível para buscar melhores resultados e além disto, usando o gancho, tem de se buscar resultado, um exemplo prático: não me lembro se foi em 2010 ou 2011, que os quenianos bateram o recorde mundial em Boston e não valeu. Porque pela norma tem um desvio que não pode ter. Porto Alegre cumpre todas as exigências, são pequenos detalhes que, modéstia à parte, tem de se ter muito conhecimento deste meio para poder falar isto. Então se a Maratona de Porto Alegre tivesse recursos para ter uma premiação condizente com o que uma maratona internacional merece certamente Porto Alegre seria conhecida no mundo pelos grandes resultados de sua Maratona.

J.P – Ok, Paulo. Eu te agradeço em nome do Centro de Memória do Esporte.

[FIM DO DEPOIMENTO]

---

<sup>4</sup> Empresa Pública de Transporte e Circulação, responsável pelo controle do trânsito em Porto Alegre.